

E, no entanto, o rio era o sangue de Lisboa. Enormes quantidades de naus, barcaças, batéis, caravelas, galés cruzavam-no a qualquer hora. Todos os dias atracavam navios provenientes dos mais diversos lugares: Galiza, Astúrias, Biscaia, França, Bretanha, Flandres, Inglaterra, Escócia, Antilhas Castelhanas, Brasil, Sevilha, Trafalgar, Gibraltar, Málaga, Granada, Valença, Tortosa, Barcelona, Narbona, Avinhão, Marselha, Génova, Pisa...



coleção A HISTÓRIA DE PORTUGAL EM ROMANCES

*Venha descobrir a nossa História,
não no tom pesado dos historiadores, mas pela
pena inspirada dos grandes romancistas.*

*Nove séculos e um mapa-mundo inteiro
são a tela desta coleção, preenchida de
momentos épicos e uma alma muito maior
do que um pequeno país poderia almejar.
Quem melhor do que um bom romancista
para passar esses momentos ao papel?*

*A História de Portugal em Romances
é uma nova forma de descobrir
a nossa História e o prazer da leitura.*

a capital do mundo



a capital do mundo

renato fontinha



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Lisboa -----●

LOCAIS
DA
NARRATIVA

P R E Â M B U L O

O rapaz parou junto à porta, intimidado. No interior da habitação, pessoas conversavam, comiam, riam alto, algumas choramingavam, outras fitavam, desconsoladas, o chão forrado a palha, uma dormia encostada à parede, cabeça dependurada e baba a escorrer da boca escancarada. Velhos debatiam a colheita do ano, as suas faces sulcadas pelo tempo e pela preocupação; mulheres riam e choravam, num coro ininterrupto de vozes agudas que comparavam barrigas de grávida, acutilavam as demais com histórias de sucesso dos filhos e netos, lamentavam a morte de entes queridos e exibiam com orgulho as mazelas das doenças que as atormentavam; homens abraçavam-se, soltando grandes urros de contentamento e batendo com força nas costas uns dos outros, felizes por reencontrar velhos amigos; crianças corriam por todo o lado, esgueirando-se por entre o mar de adultos com a agilidade de lebres, deixando na sua peugada um rasto de risadas; uma mão-cheia de rapazes entrincheirados a um canto esforçava-se por mostrar desinteresse por um grupo de raparigas que cochichavam freneticamente na ponta oposta da divisão; bebés choravam por comida ou dormiam pacificamente no colo das mães.

Um mar de gente com algo em comum: todos olhavam para ele.

A mãe do rapaz procurou a da mãe e não a encontrou, a progenitora abandonara-o para ir falar com uma prima. Assustado, o pinto correu para o aconchego das asas da galinha, mas foi presenteado com um sobrolho carregado, uma promessa de bofetada se não se portasse bem, se começasse «com as suas coisas».

Abandonado à matilha de pessoas que seguiam cada um dos seus passos, procurou o pai. Encontrou-o junto a uma mesa, ocupado a comer um pedaço de pão com queijo de cabra. Segurava uma caneca de vinho que levava à boca com evidente prazer. O rapaz hesitou. Os olhos do pai encontravam-se turvados pelo álcool e reconheceu o início da tempestade na pose ligeiramente reclinada, na mão que se abria e fechava ininterruptamente, no modo como raspava com o pé no chão, qual touro prestes a carregar. Falava com o tio, mas o seu olhar estava pousado no padre. Aprendera da pior maneira que, sempre que o homem de Deus estava presente ou era mencionado, um tabefe, puxão de orelhas ou pontapé abatia-se sobre o seu corpo franzino. Com sorte, era presenteado somente com um «bastardo» carregado de ódio. Sabia bem o significado da palavra, era um aviso para sair rapidamente do alcance do pai.

A tremer, acossado pelos olhares e comentários mordazes da multidão, vagueou pela pequena casa, em busca de um esconderijo, de um buraco para se esconder.

Foi então que a viu, a mais bela visão da sua curta vida. Intimidado mas incapaz de resistir, como um rato hipnotizado pela cobra, aproximou-se.

Os enormes olhos castanhos da rapariga fitavam-no e o rapaz baixou rapidamente a cabeça e afastou-se, pálido de vergonha. Sentou-se na ponta de um banco e, lenta e discretamente, arrastou-se na direcção da mais bela criação de Deus. Quando estava a um braço de distância, parou. Não se atrevia a aproximar-se mais. Observou a sublime criatura pelo canto do olho, deixou a vista afagar-lhe a pele, branca como a mais pura das sedas, acariciar-lhe o cabelo negro como a noite, que lhe emoldurava o rosto, a face perfeita e imaculada, as mãos que seguravam com delicadeza o rosário. Detectou um aroma a rosas, um odor que lhe encheu as narinas até se tornar

tão inebriante que parecia entranhar-se na carne, tão intenso que só podia provir dos jardins do Éden. Fechou os olhos e a mente ao mundo, deixou-se maravilhar com a criatura divina, um ser esculpido pelo Criador com as próprias mãos.

Um anjo.

Nas suas imediações, as conversas reduziam-se a sussurros, risos e urros morriam nas gargantas, semblantes assumiam expressões severas e dignas. Ali, na presença da obra-prima de Deus, a matilha esfaimada baixava as orelhas, metia o rabo entre as pernas, não rosnava, gania. Ali, estava a salvo, protegido das manápuas do pai e da impaciência da mãe, abrigado dos que o desprezavam, do mundo que o odiava. Encontrara o seu refúgio, o seu pedaço de paraíso, um santuário que ninguém se atreveria a violar.

O seu corpo, habitualmente hirto como um castanheiro, foi submergido por uma paz imensa, uma tranquilidade que o embalava como a mãe nunca fizera. Sentou-se com os braços em redor dos joelhos, olhos fechados, no mais puro estado de felicidade, num êxtase tão intenso...

Acordou alarmado e caiu do banco, desconcertado, mas com a sinistra sensação de que algo não estava bem. Esfregou os olhos, tentou concentrar-se e, quando a névoa se dissipou, compreendeu: o odor a rosas frescas fora substituído por um travo repugnante a bosta de galinha e mijo de cão. Horrorizado, constatou que a casa estava vazia. Tentou reconstruir a imagem do anjo na sua mente, mas a figura de Cristo pendurada na parede, coberta de chagas e com a cabeça ensanguentada pela coroa de espinhos, tomou o seu lugar e não arredou pé.

Aflito, levantou-se, limpou as mãos sujas às bragas esfarrapadas e saiu para a rua. Guiado pelo som abafado de dezenas de pés a pisar lama, galhos e esterco, pelo pigarrear de várias gargantas, pelo choro estridente de um bebé a exigir mama, localizou e alcançou o cortejo que avançava devagar pela aldeia. Era encabeçado pelo seu anjo, levado aos ombros dos principais homens da povoação. Para onde se dirigiriam? Alarmado, seguiu-os a uma distância segura até ao adro da igreja. Percebeu então que tencionavam dar guarida

ao ser celestial na casa do Senhor, ao lado dos santos e de Cristo crucificado, de onde poderia cuidar dos enfermos, vigiar as crianças, afugentar as feras e os salteadores que pilhavam os rebanhos, providenciar chuva em tempo de seca e sol quando o mau tempo teimasse em não partir, enfim, zelar pelos aldeões e ser adorada por todos. Antecipando-se, entrou no templo sagrado, ajoelhou-se atrás do púlpito e enroscou-se, na esperança de se tornar minúsculo o suficiente para passar despercebido.

Aguardou.

Nada aconteceu.

Irritado com a demora, ansioso, dirigiu-se à porta e saiu. A voz poderosa do padre guiou-o às traseiras do templo de Deus. Como um cão de caça diante da toca da lebre, deu voltas e mais voltas à multidão reunida em redor do clérigo e, como não conseguisse descortinar o anjo, encheu-se de coragem e abriu caminho por entre a floresta de pernas. Assim que chegou à frente, estacou, hirto de choque e desespero. A tremer inconsolavelmente, caiu de joelhos. A terrível cena que decorria diante dos seus olhos ficaria gravada para todo o sempre na sua alma, atormentá-lo-ia até ao fim dos seus dias. O anjo estava a ser descido para um buraco escuro e frio, fora sacrificado às profundezas, destinado a ser devorado pelos vermes. A alcateia preferia destruí-lo e perder tudo o que traria de bom a permitir que ele desfrutasse de alguns momentos de paz, a conceder-lhe santuário.

O padre terminou de falar e dois homens com expressões graves e decididas avançaram devagar, cada um a segurar uma pá. O rapaz tentou gritar, ordenar-lhes que não o fizessem, implorar misericórdia, mas o medo paralisou-o e limitou-se a permanecer imóvel, a observar em horrorizado silêncio. E foi quando a primeira pazada de terra caiu sobre o ser sublime que, incapaz de aguentar mais, se virou e correu, grossas lágrimas a abrirem sulcos na sua cara suja.

O anjo morrerá.

CAPÍTULO 1

Lisboa, 1520.

Pedro recuou devagar, punhos erguidos para o rio. Aguardou, corpo tenso e testa franzida, mas a água limitou-se a cintilar sob o sol radiante e a lançar pequenas ondas para a praia. Não viu nada de suspeito. No entanto, tinha a certeza de ter ouvido chapinhar! Suor escorria-lhe pela frente e invadia-lhe os olhos, cegando-o. Queria coçar-se, mas não se atrevia a baixar a guarda, a permitir uma aberta, por mais pequena que fosse, ao monstro que o espreitava escondido na calma ilusória das águas do Tejo. Seria um tritão, criatura demoníaca, meio homem, meio peixe? Ainda no dia anterior ouvira um pescador contar como um amigo fora pescar nos rochedos do cabo Espichel e apanhara um susto que o fizera perder a cana e dez anos de vida ao notar uma cara desfigurada, de longa barba e cabelo azul-escuro, que o observava detrás de um pedregulho. O infeliz garantira que escapara por pouco à criatura e jurara que os seus guinchos estridentes ainda o perseguiriam em sonhos.

— Que se passa?

Pedro respondeu com mais dois passos à retaguarda.

E o marinheiro que jurava pela santa cruz, a quem lhe pagasse

uma caneca de vinho, que vira um desses homens-peixe, morto na praia, perto da casa de campo do falecido Dom Afonso de Albuquerque, nos arredores da vila do Barreiro, e o descrevia com tão vívido detalhe que Pedro conseguia encher as narinas com o odor a peixe podre? Não, tais criaturas não eram produto da imaginação ou do vinho, havia demasiados testemunhos para que assim fosse. Benzeu-se e ofereceu uma curta prece aos santos Veríssimo, Máxima e Júlia. O gesto pareceu-lhe apropriado, já que estava precisamente de regresso da Igreja de Santos-o-Velho, local onde, durante séculos, tinham descansado os restos mortais dos três mártires, degolados e deitados ao rio com pedras atadas aos pés, há mais de um milénio, por ordem do imperador romano Dioclesiano, por se terem recusado a renegar a fé cristã.

Detestava o rio. Na sua aldeia, o curso de água podia ser atravessado de um salto e era lar de meia dúzia de sapos e uma ou outra cobra minúscula, existia para fornecer água aos aldeões e gado, tarefa sem a qual a sua existência seria vazia, despropositada. O Tejo, pelo contrário, assemelhava-se a uma serpente gigantesca, um ser com vida própria que parecia tolerar com relutância as pequenas criaturas que habitavam na margem, prestes a varrê-las da face da Terra ao menor motivo. Ou mesmo por capricho. Mas o pior era saber que corria ao encontro de algo ainda mais terrível: o mar. Nunca o vira, mas diziam-lhe que olhasse para o Tejo e imaginasse não existir margem sul para ter uma ideia da sua imensidão. A noção aterrozava-o. Ouvira histórias terríveis sobre o mar aos marinheiros da Ribeira: um infinito azul no fim do qual começava o fim do mundo, um abismo sem fundo que tragava os incautos que se aproximavam demasiado.

E, no entanto, o rio era o sangue de Lisboa. Enormes quantidades de naus, barcaças, batéis, caravelas, galés cruzavam-no a qualquer hora. Todos os dias atracavam navios provenientes dos mais diversos lugares: Galiza, Astúrias, Biscaia, França, Bretanha, Flandres, Inglaterra, Escócia, Antilhas Castelhanas, Brasil, Sevilha, Trafalgar, Gibraltar, Málaga, Granada, Valença, Tortosa, Barcelona, Narbona, Avinhão, Marselha, Génova, Pisa, Roma, Nápoles,

Maiorca, Menorca, Sardenha, Sicília, Malta, Ancona, Veneza, Canárias, Costa de África, Índia, e muitos mais portos, trazendo o oxigénio de que a cidade tanto necessitava, as mercadorias que a faziam respirar, que lhes davam vida. Loucos! Aventuravam-se no mar inclemente que lhes atirava com tempestades, calmarias, fome, sede, frio, calor, que lhes gritava a todo o momento que não pertenciam ali, para regressarem a terra, que não eram mais que intrusos.

— Loucos.

— Que disseste?

— Nada. Vamos.

Os cinco amigos retomaram a marcha. Passaram por campos, hortas, pomares, quintas, conventos, igrejas, poços, e chegaram à cidade. Transpuseram a Porta do Armazém e viram-se diante de um estaleiro que paria laboriosamente uma caravela destinada à Carreira da Índia. Ignoraram-na e continuaram, em passo vagaroso, para a Porta dos Arcos dos Paços, onde estacaram, em reverente silêncio, como sempre avassalados com o que se espriava diante dos seus olhos: a Ribeira, coração de Lisboa, epicentro dos Descobrimentos.

Navios gigantescos boiavam ao lado de batéis minúsculos, capitães ricamente vestidos e marinheiros andrajosos manobravam com carinho e delicadeza as respectivas embarcações, naus zarpavam para o outro lado do Mar Oceano, caravelas para as praças do Norte de África, carracas para Benavente e barcos a remos para a outra margem.

E se a água estava atulhada de embarcações, a terra estava-o de gente: brancos, negros, índios, mouros, escravos, artesãos, fidalgos, pilotos, mendigos, pescadores, regateiras, flamengos, castelhanos, normandos, vendedores ambulantes, marinheiros. Gravitavam em torno dos estaleiros, fundições de artilharia, fábricas de pólvora, armazéns de mantimentos, armas e materiais, ancoradouros, vendiam e compravam as mais diversas mercadorias, gritando por entre a multidão ou a partir de tendas que se encavalitavam umas sobre as outras.

— Tanta riqueza...

Luís. Possuía o condão de cambiar pessoas em dinheiro: um

negro mais não era que alguns milhares de réis, aos quais tinha de se descontar ter mais de quarenta anos, coxear ligeiramente e ser cego de um olho; um fidalgo era uma estrela brilhante, que cintilava com mais intensidade quantos mais criados o seguissem e jóias usasse nos dedos; um artesão media-se pelo tamanho da tenda ou loja e número de aprendizes. Naquele momento mirava com expressão gulosa, como se de uma nau a abarrotar de especiarias da Índia se tratasse, uma carcomida carraca carregada de pedra proveniente de Almada, que quatro homens tentavam desesperadamente manter à tona ou atracar ao Cais da Pedra, Pedro não soube dizer qual.

— Devíamos pedir licença para pedir esmola...

A observação surgira na peugada de um mendigo que abrisse caminho à cotovelada por entre os cinco companheiros, a caminho do seu lugar preferido, numa das portas da cidade. O amigo não via os dedos retorcidos, a queimadura no braço ou as marcas de varíola no rosto do homem, mas alguém que ganhava dinheiro limitando-se a passar o dia inteiro sentado, sem nada mais fazer que estender a mão. A sua avidez em enriquecer era bem conhecida, sempre impaciente pela fortuna que não chegava, constantemente a conceber planos, a architectar artimanhas e a congeminar esquemas, como se ser pobre fosse uma doença da qual pretendesse curar-se o mais depressa possível. Luís era o indesejado resultado de uma visita do padre da aldeia à casa da viúva Maria Gonçalves, em que esta o deixara sozinho com a filha mais velha enquanto fora buscar palha para a sesta do clérigo. Este, conhecido por confessar as paroquianas em suas casas quando os maridos estavam ausentes, não desperdiçara a oportunidade. Como se não bastasse, a rapariga de treze anos morrera ao dá-lo à luz e a viúva vira-se a braços com um bebé irrequieto que o reumatismo não lhe permitia acompanhar. Luís crescera a chamar mãe à avó que o enjeitava e pai ao padrasto que o espancava. Indiferentes à sua sorte, tinham-no privado de comida, agasalho e carinho, fora deixado entregue a si próprio, na vaga esperança de que caísse dentro de um poço ou fosse levado pelas bruxas ou pelos lobos. Aos dezasseis anos, soubera finalmente quem eram os seus verdadeiros progenitores, e a revelação fizera-o passar dias a fio, sem comer e beber, plantado em

frente da igreja, escondido atrás de um sobreiro, vigiando sem objetivo as idas e vindas do padre. Quando o clérigo adoecera, queixando-se de que algo lhe corria debaixo da pele, do braço para o peito e daí para a perna, as suspeitas tinham pousado no rapaz, que já diziam ter feito um pacto com o Diabo em troca de vingança. E quando, após muitas rezas à Virgem Maria, o corpo do avantajado padre expulsara uma aranha pela unha, todos ficaram a saber que fora bruxedo do endiabrado adolescente, que deitara o animal no vinho consagrado, antes da missa. Antes que os mais exaltados convencessem os demais a lançá-lo à fogueira, Luís aproveitara que os outros amigos estavam de partida e anunciara que se ia embora, mas voltaria quando fosse fidalgo e todos lhe haveriam de beijar as mãos.

— Ninguém dá esmola a quem tem bom corpo para trabalhar. Primeiro tinhas de cortar uma mão. Ou a cabeça — troçou Pedro.

Luís encolheu os ombros e abriu caminho por entre a multidão. Passaram por um grupo de homens que se afadigavam a descarregar galinhas e coelhos de uma barçaça proveniente da outra banda do rio, cumprimentaram um marinheiro de Benavente empoleirado num precário monte de lenha e pararam para observar um «lava-peixes». O homem discutia acaloradamente com um pescador a responsabilidade de parte do pescado ter caído à água. A mulher e as criadas de um e outro ladeavam-nos, acrescentando peso aos argumentos. Quando nenhuma das partes cedeu, decidiram recrutar partidários para a causa entre o aglomerado de mirones que crescia a cada palavra trocada. Os primeiros foram os pescadores que ocupavam a linha da frente e que murmuravam entre si contra os preços exorbitantes praticados pelos «lava-peixes» pelo simples trabalho de lavar o pescado antes de ser entregue às peixeiras, grupo que se juntou sem hesitações à facção do lobo do mar. De imediato, os «lava-peixes» que assistiam à discussão correram para o lado do colega de profissão, juntos contra a tirania dos pescadores, que pagavam uma miséria pelos seus serviços e que os atormentavam com reclamações e exigências. Seguiu-se um grupo de carpinteiros que se dirigia a uma nau atracada para reparações mas que, incitado pelos adversários para escolher partido, se dividiu, com cada ho-

mem a juntar-se ao grupo que achava ter razão, berrando uns com os outros. De seguida foi a vez de os vendedores ambulantes e marinhos que assistiam ao diferendo tomarem posição e, quando cada um dos intervenientes já tentava recrutar para a causa os escravos que por ali deambulavam e a discussão aumentava perigosamente de tom e ameaçava degenerar numa rixa generalizada, o alcaide e os seus homens fizeram a sua aparição e dispersaram os intervenientes como pó debaixo de uma rabanada de vento.

Os amigos, pouco interessados em arranjar problemas com as autoridades, afastaram-se apressadamente na direcção do Terreiro do Trigo. Luís foi procurar o mercador que os contratara para levar as sacas de cereal ao cliente, em Santos, e Pedro e os demais encaminharam-se para o mercado que se acotovelava nos alpendres do Terreiro do Paço, perto do açougue do peixe. Quais abelhas embriagadas com o doce odor do pólen, cortaram a direito até às tendas onde estavam expostos os produtos exóticos provenientes dos mundos entretanto descobertos e de outros ainda por encontrar.

— Olhem ali.

— Onde?

— É... é...

Não havia palavras para descrever tamanha maravilha.

— O quê? Onde? Diz!

Pedro, exasperado, apontou para uma adaga de marfim ricamente trabalhada, onde leões, gazelas, búfalos e elefantes se digladiavam numa batalha intemporal.

— Isto? É um coco, não é?

O amigo soltou uma sonora gargalhada, que destilava escárnio e desprezo.

— Não era disso que estavas a falar? Aquilo, então? Tâmaras?

As gargalhadas redobram de intensidade.

— Não gozes com o Vasco — gozou Pedro. — Não vês que tem os olhos tortos? Aponta para a esquerda e olha para a direita.

— Isso foi porque a mãe não lhe colocou uma lamparina diante dos olhos, quando os dentes nasceram. Se calhar colocou, mas ele é tão burro que nem deve saber o que é uma lamparina.

Vasco encolheu-se, como que açoitado, e limpou duas grossas lágrimas que ameaçavam deslizar pela cara abaixo. Pedro não conseguia sentir pena do amigo. Na verdade, não era bem um amigo, mas mais um empecilho. Desde miúdo que era gozado por todos na aldeia, alvo constante das brincadeiras cruéis que só as crianças sabem engendrar. Tudo graças ao talento que desde cedo revelara para proferir as declarações mais absurdas, cometer as mais imbecis proezas, colocar-se a jeito para servir de alvo de chacota. Depressa ganhara fama de ser o menos dotado de inteligência que alguma vez nascera na aldeia desde Fernão Choco, célebre por ter passado duas semanas no galinheiro a chocar os ovos de uma galinha comida por uma raposa. Até o pai dizia que se o colocasse ao lado do jumento não os saberia distinguir. De nada haviam valido as rezas do padre — que se dizia ser o verdadeiro progenitor —, as sangrias e purgas do barbeiro que lá passava mês sim, mês não, e as mezinhas da avó Ressurreição. Tomar uma decisão era tarefa impossível que tinha de ser delegada no pai, ser questionado por um desconhecido produzia como resultado gemidos e grunhidos incoerentes que se assemelhavam mais a pedidos de socorro do que a uma resposta, pedir-lhe para executar um trabalho onde fosse necessário coordenar as duas mãos era convidar um desastre a acontecer. Aos olhos de Pedro não era um ser humano, mas um animal ligeiramente racional que necessitava de vigilância permanente. Em suma, um empecilho. Também assim pensavam os pais, que, fartos da sua incapacidade para as mais simples tarefas, tinham aproveitado a oportunidade apresentada pelos amigos quando anunciaram que tencionavam partir para Lisboa e pedido, suplicado, ordenado, que o levassem com eles. Assim se tinham visto livres de Vasco, que partira inchado de orgulho por ter sido escolhido, entre a sua numerosa família, para «os representar na corte e ganhar mercês e honra ao serviço da pátria». Acima de tudo, que não regressasse.

— Claro que sabe o que é uma lamparina. Ontem queimou os dedos numa.

Vasco, à beira das lágrimas, dardejou a cabeça em redor, em busca de um buraco onde se esconder. Foi Manuel que o socorreu.

— Deixai-o em paz. Estais sempre a implicar com ele. Sabeis bem que os seus olhos nada têm de mal.

Vasco sorriu para o amigo da mesma forma que um crente presenteado com a aparição do Criador. Pedro não tinha dúvidas de que se tivesse cauda, abaná-la-ia.

— Temos de nos manter unidos.

Manuel. Na sua boca bailavam sempre as palavras «união» e «amizade», mostrava-se sempre pronto a ajudar, nunca regateava um gesto carinhoso a Vasco, com quem nunca se zangava, mesmo quando o desastrado partira a bilha onde guardavam a água. Era como uma galinha de asas permanentemente abertas sobre os pintos, zeloso e protector, mesmo sentindo-se tão desorientado como os demais na gigantesca cidade. Tinha o condão de irritar profundamente Pedro, que não gostava de se sentir dependente ou em posição subalterna em relação a ninguém: afinal, já era um homem, fazia dezasseis anos em Outubro. Manuel fora o primeiro a anunciar que, seguindo as ordens do pai, ia abandonar a aldeia e que aceitaria companhia de bom grado. Apesar de nunca terem sido os melhores amigos, Pedro abraçara sem hesitações o plano de emigrar para Lisboa, em busca de uma oportunidade que no campo nunca surgiria. Todos os demais se lhes tinham juntado pouco depois ou, no caso de Vasco, imposto a sua presença. Não eram irmãos de sangue, as circunstâncias tinham-nos unido, temporariamente, uma união colada com cuspo. Na verdade, considerou Pedro, levemente divertido, a única característica que partilhavam era pesar sobre todos suspeitas sobre o verdadeiro pai. Até podia dar-se o caso de serem todos irmãos. Filhos de Deus e, talvez, do padre.

— Não somos rápidos o suficiente. Mais parece que fomos entregar as sacas de trigo ao Brasil. Se calhar parámos para descansar nos braços de alguma manceba de maus costumes. Em suma, fomos despedidos. Mas, ao menos, pagou.

A declaração de Luís foi recebida com um ou outro encolher de ombros e olhares de indiferença. Não faltava trabalho em Lisboa.

— Vamos — disse Manuel. — Vamos comprar comida para a ceia.

Começou a afastar-se sem se virar para trás, na convicção de que os companheiros o seguiriam. Não se enganava. Os outros lançaram-se na sua pegada, como ovelhas. Vasco, então, caminhava tão chegado a Manuel que pareciam partilhar as mesmas botas. Isto, claro, se tivessem com que se calçar. Pedro acabou por os seguir, contrariado. Um dia viria em que o amigo, quando se virasse, estaria sozinho. Até lá...

Abriam caminho por entre negros de África, escravos seminus e andrajosos, vestidos somente com sorrisos largos, como se a privação da liberdade fosse condição essencial da felicidade, índios do Brasil, estranhos seres de pele acobreada, que procuravam conforto encostando-se uns aos outros, tão à vontade na multidão como ovelhas entre lobos, chineses, mouriscos, cristãos-novos, nórdicos de longo cabelo louro e pele avermelhada pela excessiva exposição ao sol, flamengos, castelhanos, andaluzes, franceses, florentinos, genoveses, fidalgos e os seus séquitos de criados, marinheiros, pilotos, carpinteiros, calafates, tanoeiros, bombardeiros e muitos mais que por ali deambulavam.

Acercaram-se de uma das muitas mulheres que iam pelas hortas recolher legumes para vender na Ribeira e, enquanto aguardavam que um dos almotacés terminasse de inspeccionar os pesos utilizados pela vendedora, Pedro constatou, com tristeza, que enquanto Vasco, Manuel e Luís examinavam os víveres, Fernando, o último dos amigos, examinava descaradamente a rapariga.

— Não aprendes? — segredou-lhe asperamente.

Fernando encolheu os ombros. Pedir-lhe para deixar de apreciar mulheres era o equivalente a pedir-lhe que o sangue parasse de correr nas veias. Vivia para isso. Na verdade, quase deixara de viver por isso. Acontecera na aldeia, quando uma multidão em fúria, liderada pelo próprio pai, o procurara por todo o lado, depois de a sua irmã mais nova, de seis anos, se ter queixado à mãe, a choramingar inconsolavelmente, de que «o coiso do mano era muito grande e magoava-a no pipi». Durante dois dias tinham vasculhado incansavelmente, mas sem sucesso, casas, celeiros, pocilgas, galinheiros, de alto a baixo. O «rapaz incorrigível, pos-

suído pelo demónio», desaparecera, mas por pouco tempo. No dia seguinte à partida dos amigos esperava-os numa curva do caminho, sentado à sombra de uma oliveira. Juntara-se-lhes sem uma palavra. Aparentemente, a lição não bastara.

Luís terminou um longo regatear com a vendedora e recolheu um molho de couves. Manuel acenou em aprovação e ordenou às tropas:

— Vamos. Para casa, preparar a ceia. Começa a fazer-se tarde.

Pedro sentiu que entrava em ebulição. Que era ele? Uma marioneta para ser manobrada a seu bel-prazer?

— Vão andando. Eu vou à horta — contrariou, irritado.

Virou costas e afastou-se, sob o olhar simultaneamente preocupado e reprovador de Manuel. Saiu da Ribeira pela Porta do Chafariz dos Cavalos, deu uma curta corrida para fugir ao cheiro pungente proveniente das alcaçarias situadas ao longo do muro e internou-se entre as ruas estreitas. Evitou habilmente os restos de comida, cães e gatos mortos, montes de bosta dos mais diversos animais, racionais e irracionais, e charcos de urina que salpicavam o chão de terra batida. Cruzou-se com uma escrava negra com dois potes em cada mão, a caminho do Tejo para despejar os dejectos no rio, e passou diante de um prédio onde, no andar superior, vivia uma viúva idosa que não se dava a esse trabalho e esvaziava para a rua uma vasilha de barro contendo um líquido amarelo-avermelhado, sem sequer se certificar de que não passava ninguém debaixo da janela ou soltar um grito de aviso. As pessoas de mais posses andavam de cavalo ou calçavam borzeguins quando circulavam pelas ruas sujas da cidade, mas ele, se não queria ficar com os pés imundos, tinha de ser lesto o suficiente para evitar as poças de líquidos nauseabundos e os montes de dejectos.

As ruas apertadas, sinuosas e apinhadas de gente, os sons, cheiros, risos, vozes, as casas que pareciam debruçar-se sobre quem passava e que lembravam tampas de caixão prestes a fecharem-se, fizeram com que fosse acometido por uma intensa sensação de claustrofobia. A primeira vez que calcorreara aquelas ruas fora tomado sem aviso por um desespero tão avassalador que se lançara em louca corrida até à Ribeira, também apinhada como um formigueiro, mas onde o céu

aberto o libertava da sensação de estar enterrado vivo. Sentiu uma pontada de saudades da sua aldeia, da vida pacata e monótona, mas depressa afastou o pensamento da mente. Desistira dessa existência, trocara a pobreza certa e sem sobressaltos pela riqueza incerta e atribulada. Ele e mais quatro companheiros. Bem, cinco, inicialmente, mas o sexto amigo, Jorge, um pastor problemático, sempre metido no vinho e em brigas, fora enviado para a casa do tio chapeleiro, em Lisboa, para aprender o ofício. O irmão do pai recebera-o de braços abertos, avisara a mulher, os filhos e a criadagem que não permitiria que o maltratassem e, de espada na mão para sublinhar a mensagem, ladrara a Pedro e aos outros que Jorge não precisava de más companhias que o desencaminhassem e proibira-os de o voltarem a ver. Nesse dia deixara de existir.

Atravessou a Porta da Cruz, que abria para os campos de Santa Apolónia e Xabregas. À direita ficavam o Cais do Carvão, as fundições de artilharia, os fornos de cal e as fábricas de pólvora, que ignorou sem um relance. O seu destino era uma minúscula parcela de terreno, um lote arrendado ao rendeiro de um fidalgo que nem sabia identificar, e onde cultivava uma pequena horta. Era o seu refúgio, para onde fugia do colossal formigueiro que era Lisboa, dos vendedores ambulantes que o acoassavam com produtos de que não precisava e que muitas vezes desconhecia, dos negros e negras que o perseguiram com os seus estranhos odores a suor, esterco e savana, dos fidalgos que o olhavam com desprezo ou, pior ainda, que nem se dignavam vê-lo, da gente que estava por todo o lado, em qualquer altura. Até em casa a multidão o seguia. Vivia na freguesia de São Bartolomeu, morada de gente pobre, onde cada buraco era convertido em habitação e cada pardieiro em lar. No quarto onde morava, no andar superior de um prédio propriedade de um conde ou duque qualquer, amontoavam-se os cinco amigos, um mulato, vendedor ambulante de vinho, um alfaiate com mais propensão para a bebida que para a agulha, um taberneiro marcado pela varíola, um escrivão da câmara d'el-rei, que perdia o ordenado ao jogo no primeiro dia que o recebia e o mendigava nos seguintes, e dois irmãos aguadeiros, presentemente zangados por disputarem o amor da mesma mulher.

Partilhar o mesmo espaço com a família era natural, sempre o fizera; com os amigos, incomodava-o; com desconhecidos, atormentava-o. Sentia-se observado, espiado, olhava constantemente por cima do ombro, em busca da faca que lhe tiraria a vida. Todas as noites, antes de dormir, inventariava os poucos pertences que os cinco guardavam na arca e todas as manhãs se surpreendia quando não faltava nada.

Chegou, por fim, ao terreno e sentiu-se ressuscitar. Dirigiu-se ao barracão onde guardava as ferramentas e, momentos depois, cavava, adubava, podava os legumes, árvores e flores que se apinhavam no exíguo espaço, ao mesmo tempo que trauteava com jovialidade uma melodia que aprendera com um marinheiro de uma nau chegada dias antes da Madeira e que contava a história de três irmãos que disputavam o amor de uma preta forra. E enquanto colhia meia dúzia de rosas que prometera vender à padeira do prédio ao lado, ponderava quando teria dinheiro para arrendar mais um pouco de terreno ou comprar ou alugar um escravo para o lavrar. E cantarolava.

Lá fora, a multidão aguardava, ansiosa, mas ali, no pequeno santuário, Pedro era feliz.